

CB
05102198
1285 17

Ibama prevê escassez de madeira

Fiscalização pode parar o setor madeireiro e provocar crise social na Amazônia, já que 1 milhão de pessoas dependem dessa indústria

Com base na lei ambiental, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) está preparando uma grande operação de fiscalização para reprimir a retirada ilegal de madeira na Amazônia. O Ibama, com isso, tem a pretensão de ameaçar até o abastecimento regular do produto no mercado interno. Além de confirmar a operação, o presidente do Ibama, Eduardo Martins, admite que se a fiscalização programada para este ano funcionar conforme o previsto, vai mesmo faltar madeira para a indústria moveleira do país.

E faz uma advertência: "Isso vai provocar uma crise social na Amazônia e uma crise de abastecimento em todo o país, mas nós achamos que é importante provocar esta crise", defendeu. Estima-se que cerca de 1 milhão de pessoas dependam diretamente da indústria madeireira na Amazônia, 400 mil só no Pará, onde está o maior pólo madeireiro do país.

Praticamente toda a madeira consumida no país vem da floresta amazônica", disse o presidente do Ibama. Estima-se que o consumo nacional de madeira chegue a 30 milhões de metros cúbicos por ano. Martins confirmou também que cer-

ca de 80% da madeira que sai da Amazônia para o mercado interno e para exportação é ilegal.

"Já suspendemos todas as autorizações de transporte de madeira. Agora, se não estiver tudo autorizado, a madeira não poderá ser transportada", garantiu Martins.

ENCONTRO

O presidente do Ibama se reuniu pela manhã com os deputados da Frente Parlamentar Ambientalista no Parque Nacional de Brasília, na

área das piscinas, conhecida como Água Mineral.

Os deputados anunciaram que pretendem entrar na briga entre ecologistas e agricultores sem-terra, que esquentou com a divulgação dos dados sobre desmatamento na Amazônia.

Segundo os estudos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que faz o monitoramento por satélite das alterações na florestas, os pequenos agricultores são hoje os maiores responsáveis pelo desmatamento da Amazônia. Até pouco tempo, os grandes vilões do desmatamento na região eram os grandes fazendeiros, que desmatavam para criar gado e fazer lavouras.

Além disso, segundo os parlamentares, há muita pressão sobre as uni-

dades de conservação no país (parques nacionais, reservas etc). O parque nacional do Iguaçu, no Paraná, invadido por pequenos agricultores, é um exemplo.

"Muitas reivindicações são legítimas. Mas a preservação do meio ambiente é mais legítima ainda, porque diz respeito a todos", argumenta o deputado Gilney Viana (PT-MT).

CANDIDATOS

O grupo também pretende organizar encontro com os candidatos à presidência da República para discutir projetos na área ambiental e formar uma comissão externa da Câmara para estudar a questão do parque do Iguaçu.

O deputado Gilney Viana aproveitou para reclamar do índice de desmatamento na Amazônia. Segundo os dados divulgados pelo Inpe, no ano de 1995 houve recorde de desmatamento da floresta: 29 mil quilômetros quadrados foram derrubados — o equivalente a cinco vezes a área do Distrito Federal.

Nos anos seguintes, a taxa foi caindo, mas ainda é considerada elevada. Em 1996, o desmatamento foi de 18.161 quilômetros quadrados e a estimativa para o ano passado — cujo levantamento ainda não está concluído — é de 13 mil quilômetros quadrados.

Neste século, a Amazônia já perdeu meio bilhão de quilômetros quadrados em florestas. É uma área igual à do estado de Minas Gerais. "A área que já está alterada é mais do que suficiente para extrair a madeira necessária para abastecer o mercado", garante o presidente do Ibama.

"Não podemos conviver com estes dados do Inpe. É uma barbaridade", protestou. "Mas nós e o Ibama somos como um casamento de brigões — a gente reclama mas não quer se separar", disse Viana.

"AS AUTORIZAÇÕES ESTÃO SUSPENSAS. AGORA, SEM NOVA AUTORIZAÇÃO, A MADEIRA NÃO PODE SER TRANSPORTADA"
Eduardo Martins, presidente do Ibama